

AS CELEBRAÇÕES À VIRGEM DE *URKUPIÑA* NA FRONTEIRA BRASIL – BOLÍVIA, CIDADE DE CORUMBÁ

Ricardo Ferreira Martins
Mestrando em Estudos Fronteiriços - UFMS
fmartinsricardo@gmail.com
Antônio Firmino de Oliveira Neto
Docente do Mestrado em Estudos Fronteiriços - UFMS
firmينو.neto@ufms.br

Resumo

Na fronteira entre Brasil e Bolívia, no extremo oeste de Mato Grosso do Sul, situa-se Corumbá. Chamada cidade branca devido à riqueza do solo em calcário que dá o aspecto de cor clara ou branca de suas terras, é conhecida por sua diversidade cultural (influências árabes, italianas, portuguesas, sulamericanas e indígenas), por sua culinária, música, mineração e pantanal. Dentre as festividades, muitos lembram do carnaval, do banho de São João, dos desfiles de 7 e 21 de setembro e do Festival América do Sul. Porém, existem outras celebrações presentes na cidade há quase trinta anos, mas com visibilidade modesta nas estruturas do estado e da igreja. Tratam-se das festas à Virgem de *Urkupiña* e à Virgem de Copacabana, padroeiras da nação vizinha, a Bolívia. Nesse contexto, o presente trabalho se propõe a estudar a celebração à Virgem de *Urkupiña*, em Corumbá, dada sua maior expressividade e antiguidade tanto no município brasileiro quanto no município boliviano, Puerto Quijarro. Quer se apontar as características das festas, a influência da fronteira nessa prática devocional e qual nível de interação entre nacionais e bolivianos.

Palavras-chave: Festas bolivianas – identidade – fronteira – interação – religiosidade

Resumen

En la frontera entre Brasil y Bolivia, en el extremo occidental de Mato Grosso do Sul, se encuentra Corumbá. Llamada Ciudad Blanca debido al suelo rico en piedra caliza que da la apariencia de color transparente o blanco de su tierra, es conocida por su diversidad cultural (influencias árabes, italianas, portuguesas, sudamericana e indígena), por su cocina, la música, la minería y el pantanal. Entre las festividades, muchos recuerdan el carnaval, el Baño de San Juan, los desfiles de 7 y 21 de septiembre y el Festival de America del Sur. Sin embargo, hay otras celebraciones presentes en la ciudad desde hace casi treinta años, pero con modesta visibilidad en las estructuras de Estado y de la Iglesia. Son las fiestas de la Virgen de *Urkupiña* y la Virgen de Copacabana, padronas del país vecino, Bolivia. En este contexto, el presente trabajo tiene como objetivo estudiar la celebración de la Virgen de *Urkupiña* en Corumbá, dada su mayor expresividad y antigüedad, tanto en la ciudad brasileña como en la ciudad boliviana, Puerto Quijarro. Quiere señalar las características de las fiestas, la influencia de la frontera en esta práctica devocional y qué nivel de interacción hay entre los nacionales y los bolivianos.

Palabras-clave: Fiestas bolivianas – identidad – frontera – interacción – religiosidad

Introdução

As celebrações à Virgem de Urkupiña, padroeira da Bolívia, estão prestes a completar trinta anos em que são realizadas em território brasileiro, no município de Corumbá. Assim, acreditamos que se faz oportuno analisar algumas características dessa prática cultural-religiosa de origem boliviana.

Desta forma, o presente artigo pretende demonstrar que, apesar de nascida no altiplano boliviano, mais precisamente na cidade de Quillacollo, próxima a Cochabamba, essa devoção foi se incorporando no patrimônio imaterial da região fronteira entre Corumbá e Puerto Quijarro. Existem as festas realizadas no âmbito doméstico, onde se envolve apenas a família e amigos próximos e as de caráter mais público, saindo às ruas, em procissões dançantes, passando pelas igrejas e se abrindo a participação de quaisquer interessados. Nesses eventos nota-se a presença de razoável número dos que se tornaram devotos e não são exclusivamente bolivianos ou descendentes de bolivianos, mas brasileiros, paraguaios, peruanos e de outras nacionalidades. Nos espaços de poder, a representação das festas denota a identidade boliviana sendo preservada e inserida no território brasileiro, ainda que traga consigo certas dificuldades de inserções nas estruturas do estado e da igreja.

Deste modo, parece oportuno tecer alguns comentários sobre as interações entre nacionais e bolivianos na fronteira, em seus momentos de negociações simbólicas com as novas culturas a que se agregaram bem como sobre as particularidades dessas festas.

Assim, o tema está desenvolvido em três tópicos: 1. Sobre o contexto fronteiro; 2. Sobre as representações das festas; 3. Sobre as interações entre nacionais e bolivianos.

Quanto à metodologia, recorreremos à pesquisa bibliográfica em torno das categorias conceituais fronteira, ocupação e identidade; e trabalho de campo através de entrevistas com diferentes atores, de diversas nacionalidades.

Sobre o contexto fronteiro

Do lado brasileiro, no extremo oeste do estado de Mato Grosso do Sul, situa-se Corumbá, formando conurbação com Ladário. Do lado boliviano, a cidade mais próxima (4km) vem a ser Puerto Quijarro, pertencente à província de Germán Busch, e, doze quilômetros adiante, se encontra Puerto Suárez, ambas do Departamento de Santa Cruz.

Corumbá foi considerada oficialmente pelo Ministério da Integração “cidade-gêmea”, via Portaria n. 125, de 21.03.2014¹, por apresentar grande potencial de integração econômica e cultural com países vizinhos. O conceito estampado no artigo primeiro dessa Portaria exige que o município seja cortado por linha de fronteira, seja essa seca ou fluvial, articulada ou não por obra de infraestrutura; tenha individualmente, população superior a dois mil habitantes e evidencie a integração econômica e cultural entre os dois países.

Em termos populacionais, segundo estimativa do IBGE de 2014, Corumbá apresenta 108.010 habitantes e Ladário, 21.488²; enquanto as cidades bolivianas, Puerto Quijarro, 15.000; e Puerto Suárez, 22.000³. Portanto, estamos lidando com uma população de cerca de 170.000 habitantes que vive constantes deslocamentos, trocas, fluxos culturais, tensões e relações de poder (ALBUQUERQUE, 2008:49).

De tal forma, nota-se que as relações entre os fronteiriços geram muitas peculiaridades culturais, simbólicas e identitárias, dos quais um produto cultural-religioso específico (ANDERSON, 2008: 28) que vem se incorporando e despertando atenção tanto em brasileiros quanto nos bolivianos: a devoção à Virgem de *Urkupiña*.

COSTA (2010:69) irá dizer que

“Os processos dinâmicos de formação identitária nas áreas de fronteira oferecem desafios aos antropólogos que se dedicam a estudar empiricamente a vida social nessas regiões, não apenas para o tema dos estudos fronteiriços, mas para o avanço em questões teóricas da própria antropologia” (COSTA, 2010:69).

Em meio a esse campo de desafio, a região de fronteira é também o lugar da alteridade. É onde ocorre o encontro com o outro: o nacional e o estrangeiro, o

¹ A designação “cidade-gêmea” foi conferida a 30 municípios cortados pela linha de fronteira, sendo que para enunciar esse conceito o Ministério da Integração tomou por base os estudos do Grupo Retis da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Disponível in: http://www.integracao.gov.br/pt/c/journal/view_article_content?groupId=10157&articleId=2013707&version=1.6. Acesso aos 19.03.2015.

²In: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=500320&search=||infogr%E1ficos:-informa%E7%F5es-completas> e <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=500520&search=mato-grosso-do-sul|ladario>. Acesso aos 19.03.2015.

³ In: http://pt.wikipedia.org/wiki/Puerto_QUIJARRO e http://pt.wikipedia.org/wiki/Puerto_Su%C3%A1rez. Acesso aos 19.03.2015.

limite e a passagem, a fluidez e a rigidez, e, particularmente, o devoto e o não devoto, o brasileiro e o boliviano.

Roberto Cardoso de Oliveira, em seus estudos sobre a Cataluña – Espanha, faz um parêntese sobre o contexto de fronteiras, destacando-a como um lugar privilegiado de estudos:

“Quero me referir agora ao contexto de fronteiras, isto é, de fronteiras entre países. E para quem se habituou ao significado de “fronteira cultural” ou *boundaries*, bastante difundido, cabe dizer que prefiro a expressão “limite cultural” para dar conta do sentido do termo que lhe atribui Fredrik Barth, reservando a palavra fronteira para expressar o conceito tradicional de “fronteira política”. Naturalmente que não se trata de realizar pesquisas a respeito de fronteiras, mas apenas realizá-las *na* fronteira; e, no caso de investigações sobre identidade étnica ou nacional, sublinhe-se que a fronteira se impõe – como já se disse – como um cenário privilegiado” (OLIVEIRA, 2006:101).

Ainda sobre as peculiaridades da fronteira, DONNAN & WILSON irão dizer:

“as fronteiras são lugares onde se encontram diferentes sistemas políticos, econômicos e culturais, as mesmas oferecem oportunidades empíricas únicas para entender os processos de construção, negociação e manipulação das identidades” (DONNAN & WILSON *apud* COSTA, *op. Cit.*, p. 71).

Estando Corumbá a aproximadamente quatro quilômetros do marco divisor político da Bolívia, fronteira seca, naturalmente muitas dinâmicas e articulações são construídas pelos moradores fronteiriços. São processos de construção, negociação e manipulação das identidades que acabam expandindo o próprio conceito de fronteira.

Neste sentido, defende Bertha Becker:

“A fronteira não pode mais ser pensada exclusivamente como franjas do mapa em cuja imagem se traduzem os limites espaciais, demográficos e econômicos de uma determinada formação social. Uma nova definição de fronteira mais abrangente torna-se necessária, capaz de captar sua

especificidade – como espaço excepcionalmente dinâmico e contraditório – e a relação com a totalidade de que é parte”⁴.

Além dessa expansão no conceito de fronteira, tem-se que os espaços sociais construídos pelos seus moradores ultrapassam os limites geográficos, como assinala Valcuende del Rio (1996):

“(…) los factores puramente geograficos (el espacio geografico) tiene un caracter secundario en relacin a los espacios sociales construidos por los actores sociales que interactan en el mismo y que en función de su experiencia acumulada configuran de un mismo espacio fisico, territorios sociales diversos (territorios de frontera)⁵.

Tania Franco Carvalho (CARVALHAL *apud* TOURO, 2008:46), enfatiza que:

“Fronteira pode ser compreendida como uma espécie de convenção estruturante, um espaço de divisa e de delimitação que demarca diferenças, afirma identidades e origina necessidades de representação. [...] em qualquer campo das Ciências Humanas, as fronteiras não são tidas como espaços nacionais. Ao contrário, são partes integrantes deles e influem fortemente em sua construção”⁶.

Deste modo, a religiosidade em torno a Virgem de Urkupiña na fronteira Brasil-Bolívia assume esse papel de elemento simbólico e motivador/mediador na construção de identidades nacionais e não nacionais.

Sobre as representações das festas

Da origem da devoção – Presença de migrantes cochabambinos

Conta-se a tradição que na cidade de Quillacollo, a 15km. de Cochabamba,

“...una mujer con un niño en brazos se apareció a una niña campesina que cuidaba sus ovejas en el cerro de Qota, en las afueras de Quillacollo. Un día la niña llegó al lugar de la aparición acompañada de sus padres, el cura y vecinos de esa localidad, al ver a la Virgen exclamaron: ¡Orqopiña!, expresión quechua que significa “ya está en el cerro” y que

⁴ BECKER, Bertha K. *Significância contemporânea da fronteira: uma interpretação geopolítica a partir da Amazônia Brasileira*. Disponível em http://horizon.documentation.ird.fr/exl-doc/pleins_textes/pleins_textes_7/b_fdi_03_01/37776.pdf. Acesso aos 29.08.2014.

⁵ VALCUENDE DEL RIO, José M. *VIVIR EN LA FRONTERA. VIVIR DE LA FRONTERA: La frontera sur hispano-portuguesa*. Disponível em http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR492bddf1ecd28_1.pdf. Acesso aos 29.08.2014.

⁶ TOURO, Caroline B. Na fronteira do Brasil versus Paraguai: Josefina Plá. *Rabiscos de Primeira*, Campo Grande, MS, v. 8, n. 8, 2008, p. 45-52. Disponível in: <http://www.dle.ufms.br/rabiscos8.pdf>. Acesso aos 19.03.2015.

devino luego en Urkupiña. Pero al acercarse la Virgen desapareció dejando en su lugar una “piedra” en la que quedó grabada su imagen con el niño” (BARELLI, 2001).

Da forma semelhante, Padre Jean Fred Aguilar Tadeo⁷, atualmente trabalhando na Igreja Nossa Senhora do Rosário, em Puerto Quijarro, mas com formação no seminário de Cochabamba, relatou:

“Uma pastorinha, uma jovem com menos de quinze anos, viu pela primeira vez uma aparição de uma senhora, bela, formosíssima, e estava sobre o morro. E em sua linguagem *quéchua* começou a gritar ¡Orqopiña!, ¡Orqopiña!, quer dizer: a vi sobre o morro, sobre a rocha. E essa tradição se foi difundindo por anos e anos. Então, **as pessoas de Cochabamba, muitos migrantes aqui na zona de fronteira vieram com sua fé**, trouxeram esse carinho à Virgem de Urkupiña. Oferecem suas danças, seus bailes à Virgem” – grifos nossos.

Portanto, a matriz devocional está na cidade de Quillacollo. Por sua vez, com a instalação de alguns migrantes provenientes dessa região na fronteira Brasil – Bolívia, cidades de Corumbá e Puerto Quijarro, passaram a se dedicar ao comércio e acabaram contribuindo para o surgimento e propagação dessas celebrações nesse novo espaço⁸.

A festa de Nossa Senhora de Copacabana

No dia da independência da Bolívia, 06 de agosto, bolivianos se fazem presentes em praça central da cidade de Corumbá, com bandas musicais, apresentações folclóricas, discursos e honrarias cívicas.

Há cerca de dez anos, segundo GARTNER:2013, ocorre essa solenidade. Além disso, a religiosidade se manifesta em atos devocionais em igrejas - missas em espanhol e novenas em algumas residências, todas em honra à Nossa Senhora de Cobacabana, festejada no mesmo dia da independência boliviana. Na ocasião, realizam-se igualmente as procissões dançantes pelas ruas da cidade, regadas com muita música, vestimentas típicas e cerveja.

As festas de Urkupiña

⁷ Entrevista realizada aos 24.11.2014.

⁸ Influência dos comerciantes cochabambinos na propagação da devoção confirmada em entrevista, realizada aos 03.11.2014, com o Sr. Rubem Cotrera Pena, pasante de festa da Brasbol para o ano de 2015.

Cerca de duas semanas depois de Copacabana, especialmente pelos membros da extinta feira Brasbol⁹, são celebradas em Corumbá semelhantes atividades em honra à Virgem de Urkupiña (14-16 de agosto), padroeira da integração boliviana e padroeira dos comerciantes.

Uma das características das festas seria a ornamentação. Não só do lugar, o espaço físico da casa ou salão de festas, que fica cheio de bandeiras e cores tipicamente bolivianas, mas também a imagem da Virgem. Comparativamente, não se vê uma imagem de Nossa Senhora Aparecida (Padroeira do Brasil) com vestidos coloridos, sejam eles roxo, branco, rosa, ou portando um cetro nas mãos e os dedos cheios de anéis, brincos nas orelhas, colar de ouro, coroa e cabelos compridos. No entanto, com todos os adereços acima descritos é assim que é preparada a imagem da Virgem de Urkupiña.

Pelos levantamentos realizados, os vários adereços a Virgem de *Urkupiña* são adquiridos ou encomendados nas cidades de Puerto Quijarro ou até em Santa Cruz de la Sierra, mas minimamente em Corumbá.

Como produto cultural específico (ANDERSON, 2008:30), pode-se dizer que os festejos à *Urkupiña* em Corumbá já se diferenciam da matriz devocional (Quillacollo – Bolívia) em relação à data, pois não ocorrem somente entre os dias 14 a 16 de agosto, mas ao longo de todo o mês.

COSTA (2013: 479) narra que no ano de 2012, a festa da extinta Feira Brasbol ocorreu no dia 26 de agosto, reunindo comerciantes de origem boliviana e devotos não bolivianos, sendo que os brasileiros vão “revelando processos de circulação cultural e de invenção de novas tradições na cidade”.

Pelas nossas entrevistas, constatamos que nos outros anos, a programação ultrapassou o mês de agosto, dependendo mais da conveniência do organizador dos festejos do que propriamente a data 15 de agosto para se decidir quando fará suas homenagens à Virgem.

Quanto aos âmbitos das festas, predomina-se o privado, em que os devotos organizam as celebrações em suas próprias casas, abrindo-se o convite a

⁹ Brasbol seria uma feira livre, instalada em lugar centralizado de Corumbá, onde comerciantes, predominantemente bolivianos, exerciam suas atividades. Seu alvará de funcionamento foi cassado pela municipalidade em Março de 2013. Cf. COSTA, Gustavo Villela Lima da. *A Feira Bras-Bol em Corumbá (MS): notas sobre o comércio informal na fronteira Brasil-Bolívia*. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, v. 3, n. 2, 2013, pp. 467-489

familiares e amigos, ao longo de todo o mês de agosto e não só nos dias 14 a 16, como na matriz devocional cochabambina.

A senhora F. H., brasileira, filha de bolivianos, organizadora das honrarias há quase dez anos prepara sua festa para familiares, amigos e vizinhos mediante novena¹⁰, realização de missa e condução da imagem até a Igreja de Nossa Senhora de Fátima, onde os padres scalabrinianos organizam uma missa especial aos migrantes e devotos de Urkupiña¹¹. Sobre as dádivas alcançadas pela intercessão da Virgem, relata:

“Eu tenho muita fé na Nossa Senhora de Urkupiña. E minha mãe também tem muita fé, porque meu pai era pra operar e não chegou de operar, porque ele passou muito mal da vesícula. Olha, até agora, ele não sabe o que é mais dor nem nada. Tá bem” - *sic*¹².

Quanto ao âmbito público, identificamos que os comerciantes da extinta Brasbol são os principais a promoverem uma festa com maior abertura e visibilidade. Para tanto, organizam a vinda de grupos folclóricos que dançam pelas ruas da cidade bem como providenciam estrutura de som, bebidas e comidas típicas a serem posteriormente degustadas num local de fácil acesso e amplamente divulgado¹³.

Quanto ao número de organizadores das festas à Urkupiña, gira em torno de quinze a vinte pessoas, sendo todos moradores de Corumbá, sejam eles cidadãos bolivianos ou brasileiros. As homenagens têm ocorrido em vários pontos da cidade, todas iniciadas com orações (novenas, tríduos e missas) e seguidas por almoços populares, em que os *pasantes* (festeiros) se orgulham de render graças pelos favores conseguidos junto a Virgem de *Urkupiña*, que vai se consolidando no patrimônio imaterial da brasileira Corumbá.

Quanto ao organizar da festa, identifica-se a figura do *pasante*, organizador da festa daquele ano e que passará a responsabilidade da festa a outra pessoa no

¹⁰ Uma seqüência de nove encontros onde se reza com o auxílio de livretos – devocionários – preparando para o dia principal da festa. Algumas famílias organizam tríduos, seqüência de três encontros, e outras, apenas convidam o sacerdote em um dia para realização de missa.

¹¹ A Paróquia de Nossa Senhora de Fátima, situa-se na Rua 21 de setembro, Popular Nova, Corumbá-MS, e todo último domingo do mês, às 16h., é celebrada a “Missa dos (i)migrantes”, onde a Pastoral da Mobilidade Humana se responsabiliza pela animação litúrgica, sendo as leituras, orações, homilia e cantos no idioma espanhol.

¹² Entrevista concedida aos 26.08.2014 pelas Sra. F. H. e Sra. L.H.

¹³ Nos anos de 2013 e 2014, ocorreu no Centro Boliviano, sito na Rua Porto Murtinho. Para o ano de 2015, o *pasante* espera receber autorização do município para interditar a rua de sua própria casa e realizar a festa.

próximo ano. Existe o “padrinho”, que arca com as despesas, ou melhor, oferece, por três anos consecutivos, algum dos itens necessários à festa, podendo ajudar na decoração, no bolo, no churrasco, nas comidas típicas, na bebida, no som, com algum vestido ou adereços para a imagem.

Quando ocorre alguma procissão dançante, normalmente inicia-se com a missa e partem de alguma igreja¹⁴ até a casa do organizador da festa.

É verdade que muitos promotores da festa de *Urkupiña* não possuem forte ligação com a Igreja, organizando suas festas ou se aproximando dela apenas nas proximidades das comemorações, sem engajamento em pastorais de serviço ou mesmo sem frequência às atividades semanais e dominicais propostas.

Essa realidade também se constata na Bolívia, pois os dois padres entrevistados, responsáveis pelas duas igrejas existentes na cidade, relataram que a “igreja enche apenas no dia da festa”, sendo que foi relatado igualmente o desejo de que esses devotos fossem para a igreja, mas não vão, não se engajam.

Por fim, pode-se dizer que uma das representações contidas na realização desses festejos, com o partilhar de comidas e bebidas e muita fartura, seria a de que a *Virgencita* traz abundantes bênçãos a seus devotos.

Sobre as interações entre nacionais e bolivianos

Na antropologia, pode-se dizer que “a pesquisa empírica sobre nações e identidades nacionais tem tido uma vida difícil no interior da disciplina” (SCHENEIDER, 2004:97).

Benedict Anderson, logo na introdução de *Comunidades Imaginadas*, reconhece que “Nação, nacionalidade, nacionalismo – todos provaram ser de difícilíssima definição, que dirá de análise” (ANDERSON, 2008: 28). Todavia, referido autor apresenta uma nova perspectiva de compreensão da nacionalidade:

“O meu ponto de partida é que tanto a nacionalidade – ou como talvez se prefira dizer, devido aos múltiplos significados desse termo, a condição nacional [*nation-ness*] – quanto o nacionalismo são produtos culturais específicos. Para bem entendê-los temos de considerar, com cuidado, suas origens históricas, de que maneiras seus significados se transformaram ao longo do tempo, e por que dispõem, nos dias de hoje, de uma legitimidade emocional tão profunda” (ANDERSON, 2008: 30).

¹⁴ Ao se usar o termo “igreja”, estamos nos referindo à Igreja Católica.

Neste sentido, entendemos que o aspecto devocional à Virgem de *Urkupiña* remete à nacionalidade boliviana, mas, devido à instalação no território brasileiro, desde longa data, consegue realizar uma “legitimidade emocional profunda” também entre os nacionais.

Ao se pensar em pontos de interação entre brasileiros e bolivianos, cita-se que durante os ritos oracionais e festejos, muitos organizadores (devotos de *Urkupiña*), também organizam festejos ou participam de devoções à Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil.

De outro lado, durante as novenas e tríduos preparatórios à Virgem boliviana, a maioria dos terços e orações são rezados em português e não em espanhol. Sem falar na presença de convidados indistintamente da ascendência nacional.

De certa forma, parece acertada as seguintes constatações de Oliveira:

“...temos constatado que a ampliação da condição fronteira, na junção semi-conurbada, vem estabelecendo vetores para consolidação de uma nova consciência mais integracionista (em ambos os lados); tem mexido com as tessituras e as redes territoriais e, como efeito, em embaralhado as definições e ambiguidades das cidades brasileiras e bolivianas. E, mesmo com todo o preconceito existente, observa-se: a ampliação do convívio social, as participações institucionais de autoridades em festejos comemorativos, **a presença dos dois povos em festas culturais**, as constantes facilitações na circulação e comunicação entre as cidades etc. Constata-se visivelmente: animações que confluem para possibilidades de consórcios variados, estudos científicos, ligações associativas, além de outros movimentos de aproximação, respaldando um ânimo otimista sobre a derrocada da disjunção daquela fronteira” (OLIVEIRA, 2009:41) – grifos nossos.

Um caso singular que identificamos se trata do Sr. Rubem Cotrera Pena, pasante 2015 da festa da Brasbol. Se seu *apellido* induz a pensar que seja um boliviano, engana-se. Rubem é peruano e está à frente de uma das festas mais comentadas da “identidade” boliviana de Corumbá. Em entrevista, relatou que a devoção à Virgem de *Urkupina* nasceu com os imigrantes bolivianos, que trouxeram a imagem da Virgem à feirinha, tendo ali construído uma gruta¹⁵.

¹⁵ Entrevista concedida aos 12.11.2014.

Outro ponto de interação entre distintas nacionalidades se trata da figura dos padrinhos,¹⁶ pois se encontram brasileiros sem qualquer ascendência boliviana exercendo esse *munus*.

Daí, percebe-se uma harmoniosa convivência e relação de cumplicidade e partilha da fé entre portadores de culturas diferentes.

Alguns devotos justificam essa proximidade Brasil-Bolívia por entenderem estar homenageando uma pessoa só, Maria, a mãe de Jesus. Nesse sentido, confira-se o relato de J. A.:

“Celebrávamos a missa na porta do escritório da feira e, em 2003, um padre nos sugeriu que conseguíssemos uma imagem da Virgem de Urkupiña e fizemos essa gruta. Hoje, esse local se tornou um ponto turístico, muitas pessoas vêm visitar e tiram foto, pois **a mãe de Jesus é uma só**, ela apenas troca de nome conforme o povo...” (GARTNER, 2013:1) – grifos nossos.

Assim, a realização das festividades de origem boliviana no Brasil há vários anos, sua tolerância e a participação crescente dos nacionais, em área fronteiriça, seria também um demonstrativo de exercício do direito de liberdade de consciência e de religião, contemplado no Artigo 12 da Convenção Americana sobre Direitos Humanos, *verbis*:

“Art. 12...

1. Toda pessoa tem direito à liberdade de consciência e de religião. Esse direito implica a liberdade de conservar sua religião ou suas crenças, ou de mudar de religião ou de crenças, bem como a liberdade de professar e **divulgar sua religião ou suas crenças, individual ou coletivamente, tanto em público como em privado.**

2...

3. A liberdade de manifestar a própria religião e as próprias crenças está sujeita apenas às limitações previstas em lei e que se façam necessárias para proteger a segurança, a ordem, a saúde ou a moral públicas ou os direitos e as liberdades das demais pessoas”¹⁷ – grifou-se.

Considerações Finais

¹⁶ Os padrinhos são pessoas que assumem o compromisso, por três anos, de oferecer ou colaborar financeiramente com algum dos itens da festa: vestido da Imagem, adereços (coroa, cetro, brinco, anel, cordão de ouro etc), bebida, bolo, som, grupos de danças.

¹⁷ Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D0678.htm>. Acesso aos 29.10.2014.

Ao encerrar esse artigo podemos afirmar que Corumbá possui importante diversidade cultural, devido às influências árabes, italianas, portuguesas, sulamericanas e indígenas ao longo de sua história. Dentre as festividades mais lembradas estão o carnaval, o banho de São João, os desfiles cívicos de setembro e o Festival América do Sul. Todavia, outras festas, de origem boliviana, têm se tornado frequentes: as festas à Virgem de *Urkupiña* e à Virgem de Copacabana.

A festa em homenagem à *Urkupiña* goza de maior expressividade entre os brasileiros e bolivianos residentes em Corumbá. Muitos são os organizadores (*pasantes*), espalhados por vários bairros da cidade, centrais e periféricos, que promovem a festa com orações, bebidas, comidas e danças típicas, tanto em âmbito público quanto em âmbito privado, com apoio da Igreja e mesmo de forma autônoma. Certos aspectos identitários como o idioma espanhol e a devoção exclusiva por santos de origem boliviana não são sempre acionados para dizer que se trata de uma festa puramente boliviana. Existem bolivianos devotos de Nossa Senhora Aparecida e se constata que orações são rezadas em português, mas não em espanhol, bem como se vê a presença de devotos brasileiros sem qualquer ascendência boliviana mas com engajamento nas festividades (*compadrios*).

Por fim, pode-se dizer que a celebração das festas bolivianas em solo brasileiro vai se consolidando no patrimônio imaterial de Corumbá, denotando, outrossim, respeito à “Liberdade de consciência e de religião”, positivado no Art. 12 da Convenção Americana sobre Direitos Humanos (Pacto de São José da Costa Rica), de 22 de novembro de 1969, ratificada pelo Brasil em 1992.

Referências Bibliográficas

- ALBUQUERQUE, José Lindomar. *Fronteira e identidades em movimento: fluxos migratórios e disputa de poder na fronteira Paraguai-Brasil*. Cadernos CERU, USP, série 2, v. 19, n. 1, jun. 2008, p. 49-63;
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. 3ª reimpressão. São Paulo: Companhia das letras, 2008;
- BARELLI, Ana Inês. *Religiosidad Popular: El caso de la Virgen de Urkupiña en San Carlos de Bariloche*. Revista Cultura y Religión, Vol. V, Nº 1 (Junio del 2011) 64-79, Iquique-Chile. Disponível em <http://www.revistaculturayreligion.cl/index.php/culturayreligion/article/view/101/102>. Acesso aos 29.08.2014;
- BECKER, Bertha K. *Significância contemporânea da fronteira: uma interpretação geopolítica a partir da Amazônia Brasileira*. Disponível em http://horizon.documentation.ird.fr/exl-doc/pleins_textes/pleins_textes_7/b_fdi_03_01/37776.pdf. Acesso aos 29.08.2014;

BENEDETTI, Alejandro. Espacios fronterizos del sur sudamericano. Propuesta de un modelo conceptual para su estudio. *Estudios Fronterizos*, nueva época, vol. 15, núm. 29, enero-junio de 2014, pp. 11-47.

CABRAL, Leonardo. *Polícia e Receita Federal deflagram operação "No Caminho" em Corumbá*. Disponível em: <http://www.midiams.com.br/noticia/interior/policia-e-receita-federal-deflagram-operacao-no-caminho-em-corumba/66893>. Acesso aos 12.08.2013.

COSTA, Gustavo Villela Lima da. "*As Fronteiras da Identidade em Corumbá-MS: Significados, Discursos e Práticas*". In: DA COSTA, G.V.L; COSTA E. A; OLIVEIRA M.A.M. (Org.). *Estudos Fronteiriços*. 1 ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2010, v. 1, p. 69-98.

_____. A Feira Bras-Bol em Corumbá (MS): notas sobre o comércio informal na fronteira Brasil-Bolívia. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*. São Carlos, v. 3, n. 2, 2013, pp. 467-489.

GARTNER, Livia. "Bolívia: Virgem de Urkupiña reúne devotos bolivianos e brasileiros". Disponível em www.diarionline.com.br/?s=noticia&id=34239. Acesso aos 31.07.2013.

GRIMSON, Alejandro. 2000. *Pensar Fronteras desde las Fronteras*. Nueva Sociedad n.170. Noviembre-Diciembre. Honduras.

_____. *Fronteras, Estados e Identificaciones em El Cono Sur*. In: *Cultura y Transformaciones Sociales em Tiempos de Globalización 2*. Daniel Mato [compilador], ISBN 950-9231-64-9, Argentina, Buenos Aires, Clacso, Agosto de 2001, 272 páginas.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Caminhos da Identidade: Ensaio sobre etnicidade e multiculturalismo*. São Paulo: Ed. UNESP; Brasília: Paralelo, 2006

OLIVEIRA, Tito Carlos Machado. *Os elos da integração: o exemplo da fronteira Brasil-Bolívia*. In: *Seminário de Estudos Fronteiriços*. COSTA, Edgar A. e OLIVEIRA, Marco Aurélio M. – org. Campo Grande: UFMS, 2009.

SAQUET, Marcos Aurelio e SPOSITO, Eliseu Savério (organizadores). *Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos*. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008.

TOURO, Caroline B. Na fronteira do Brasil versus Paraguai: Josefina Plá. *Rabiscos de Primeira*, Campo Grande, MS, v. 8, n. 8, 2008, p. 45-52.

VALCUENDE DEL RIO, José M. *VIVIR EN LA FRONTERA.VIVIR DE LA FRONTERA: La frontera sur hispano-portuguesa*. Disponível em http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR492bddf1ecd28_1.pdf. Acesso aos 29.08.2014.